

Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 29/04/2019



QUADRO DE ADESÕES NO BRASIL

SITUAÇÃO EM 28/04/2019



Sobre a Campanha

A Campanha Global "Construindo Cidades Resilientes" aborda questões de governabilidade local e risco urbano, a fim de ajudar os governos locais a reduzir riscos e aumentar a resiliência em áreas urbanas através da aplicação do Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030 . A campanha oferece soluções e ferramentas que permitem que governos e atores locais identifiquem as lacunas na sua capacidade de resiliência e aumentam sua capacidade financeira, técnica e de

conhecimento para o planejamento do desenvolvimento e capacidade de gestão de risco. Através da campanha, as cidades se tornam parte de uma ampla aliança de cidades resilientes em todo o mundo.

Por que Governos Locais?

A liderança e participação dos governos locais, como nível institucional mais perto dos cidadãos, desempenha um papel vital para qualquer compromisso sobre a redução do risco de desastres por meio da sua incorporação bem-sucedida ao processo de planejamento do desenvolvimento urbano. Tornar as cidades resilientes é a responsabilidade de todos: os governos nacionais, associações governamentais locais, organizações internacionais, regionais e da sociedade civil, doadores, setor privado, instituições acadêmicas e associações profissionais assim como todos os cidadãos devem participar. Todas estas partes interessadas devem estar a bordo para assumir o seu papel e contribuir para a construção de cidades resilientes frente aos desastres.

2010-2015: O que foi alcançado?

A primeira fase da campanha teve foco na conscientização e promoção de redução do risco de desastres. Desde seu lançamento em maio de 2010, a Campanha tem reforçado a liderança local e vontade política para a redução do risco de desastres. Até maio 2016, a Campanha trabalha com 3.123 cidades a nível mundial, dos quais 1.445 são das Américas, desde capitais como a Cidade do México, até cidades pequenas no Brasil, Colômbia, Honduras, Estado de Chiapas no México, entre outras. A campanha também desenvolve uma rede global de governos locais comprometidos com a redução do risco de desastres, aumentar a resiliência das cidades, promovendo a cooperação e aprendizagem entre as cidades.

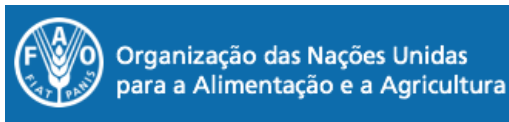
A Campanha tem produzido uma série de ferramentas para ajudar as lideranças locais para avaliar, documentar e melhorar seus esforços para reduzir o risco de desastres, tais como os Dez Passos Essenciais para aumentar a resiliência, o Marco de Ação de Hyogo, a ferramenta de autoavaliação LGSAT para os governos locais e o manual para lideranças locais.

A campanha também se comprometeu em várias atividades de apoio técnico e reuniões com líderes de governos locais, a nível regional e internacional. Em 2014, 800 oficiais de cidades inscritas na campanha e gerentes/diretores das unidades de desastre de 36 países foram treinados no curso de capacitação em nível local (GETI).

2016-2020: Prioridades para Ação

A segunda fase da campanha, que começou em 2016 enfocará na implementação de planos de redução do risco de desastres. A Campanha Global Construindo Cidades Resilientes agora tem como objetivo garantir que os compromissos assumidos pelos governos estejam integrados no contexto local. A partir de agora com o Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030, e Objetivos de

Desenvolvimento Sustentável (ODS), a campanha mudou seu foco para o apoio à implementação de compromissos, ao envolvimento com os parceiros, ao desenvolvimento de oportunidades de co-investimento, de planejamento local e de ações e monitoração do progresso alcançado. Em particular, a campanha continuará promovendo o compromisso dos governos locais para aumentar a resiliência frente a desastres, e alcançar a participação de 6.000 governos locais até 2020. Além disso, serão introduzidos a nova e atualizada abordagem padronizada para a resiliência como a lista de Dez Passos Essenciais e serão introduzidos indicadores, metas correspondentes e processo de comunicação aplicáveis para todas as cidades. Os parceiros do setor privado também formarão parte do público alvo e conectados com os governos locais e outros parceiros para contribuir ativamente no desenvolvimento de produtos, serviços, ferramentas e suporte técnico para soluções inovadoras na redução do risco urbano.



Fenômenos climáticos deixam 1,4 milhão de pessoas em risco de fome na América Central, diz ONU

Agências da ONU alertaram na quinta-feira (25) que 1,4 milhão de pessoas na América Central precisam de doações urgentes de alimentos para não passar fome. A crise se deve a secas prolongadas e chuvas torrenciais que destruíram safras de milho e feijão no chamado Corredor Seco — região que margeia o Oceano Pacífico, indo da costa de Chiapas, no México, até o oeste da Costa Rica e do Panamá. As Nações Unidas lançaram um apelo humanitário de 72 milhões de dólares para apoiar a população.

Estima-se que 2,2 milhões de pessoas tiveram perdas em suas plantações em El Salvador, Guatemala, Honduras e Nicarágua, segundo informações de governos divulgadas nesta semana pelo Programa Mundial de Alimentos (PMA) e a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura ([FAO](#)). Desse contingente, 1,4 milhão de centro-americanos foram avaliados como em necessidade urgente de assistência alimentar.

Em resposta à crise, os dois órgãos da ONU estão pedindo doações da comunidade internacional para levar comida a 700 mil pessoas. Os mais de 70 milhões de dólares solicitados vão ser utilizados para criar e recuperar insumos produtivos, diversificar as fontes de renda dos agricultores, estabelecer sistemas de proteção social e fortalecer a resiliência da população agrícola aos efeitos do clima.

“Os agricultores de subsistência estão começando a plantar neste mês, muitos não têm nenhuma reserva de alimentos e estão em risco de perder suas safras de novo”, afirmou Miguel Barreto, diretor regional do PMA para a América Latina e o Caribe.

“Se não os apoiarmos agora mesmo, o período de escassez de alimentos nos próximos meses poderá ser particularmente duro para eles e especialmente para os mais vulneráveis, incluindo crianças, com a consequente deterioração do seu estado nutricional.”

Governos da América Central relataram que, em 2018, uma demora nas chuvas no Corredor Seco destruíram até 70% da *Primera*, a primeira safra da agricultura de subsistência local. Mais tarde, no mesmo ano, o excesso de precipitações causou danos às plantações e prejudicou a *Postrera*, a segunda safra.

Em meados de fevereiro de 2019, a Administração Nacional Oceânica e Atmosférica (NOAA) dos Estados Unidos anunciou o aparecimento do fenômeno El Niño, que deve continuar influenciando o regime climático da região até outubro. Há uma alta probabilidade de que o El Niño afete a semeadura de grãos básicos da *Primera* — o que poderia agravar uma situação nutricional e alimentar já fragilizada nas comunidades do Corredor Seco.

A FAO e o PMA recomenda que os agricultores sejam orientados a levar esses problemas em consideração, de modo que as suas safras não sofram os impactos do atraso na temporada de chuvas. Com a informação, os produtores podem substituir culturas que exigem muita água por espécies como o sorgo e tubérculos ou variedades de cultivo de curta duração, que podem fincar raízes durante as primeiras chuvas nas áreas mais secas.

“Precisamos melhorar a resiliência dos habitantes do Corredor Seco. Para esse fim, a vigilância e os sistemas de alarme precoce precisam ser fortalecidos. Os efeitos de eventos como secas e chuvas torrenciais precisam ser mitigados por meio de boas práticas agrícolas, que aumentam a resiliência e a adaptação das famílias, fortalecendo os seus meios de subsistência e impedindo que esses eventos climáticos comprometam a sua segurança alimentar e os forcem a migrar”, ressaltou o coordenador sub-regional da FAO para a Meso-América e representante da agência no Panamá.

Estima-se que metade do 1,9 milhão de pequenos produtores de grãos básicos da América Central vivam no Corredor Seco. Essas famílias são formadas por agricultores de subsistência, isto é, por produtores que coletam e consomem a comida que plantam — principalmente milho e feijão. Dificilmente, esses grupos têm recursos para lidar com riscos. Se uma safra é perdida, os pequenos produtores não têm reservas suficientes de alimentos para comer, vender e sobreviver até a próxima colheita.

Quando os seus estoques de alimentos se esgotam, as famílias precisam recorrer a estratégias drásticas de sobrevivência. De acordo com a FAO, o PMA e governos, até 82% das famílias do Corredor Seco já tiveram que vender ferramentas agrícolas e animais para comprar alimentos. Algumas delas precisam pular refeições ou comer menos alimentos nutritivos.

Mais de 25% dos domicílios pesquisados não têm renda o bastante para cobrir o custo de uma cesta básica de alimentos. Por outro lado, 8% das famílias relataram que planejam migrar em resposta a essa situação.

De acordo com a FAO e o PMA, somente revitalizando os territórios do Corredor Seco será possível garantir condições para que as comunidades aprimorem os seus meios de subsistência sem ter que deixar seus países e realizar viagens perigosas para buscar oportunidades melhores.

FONTE: <http://www.fao.org/americas/noticias/ver/pt/c/1191838/>



OMS divulga recomendações sobre uso de aparelhos eletrônicos por crianças de até 5 anos

Crianças de até cinco anos de idade não devem passar mais de 60 minutos em atividades passivas diante de uma tela de *smartphone*, computador ou TV. A recomendação foi divulgada nesta semana (24) pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que alertou ainda que bebês com menos de 12 meses de vida não devem passar nem um minuto na frente de dispositivos eletrônicos. Orientações fazem parte de conscientização da agência da ONU sobre sedentarismo e obesidade.

Segundo a instituição, cerca de 40 milhões de crianças em todo o mundo – em torno de 6% do total de meninos e meninas – estão acima do peso. Desse grupo, metade das crianças está na África e na Ásia.

As novas diretrizes da OMS se referem às atividades passivas com dispositivos eletrônicos, como assistir a desenhos animados em vez de usar a internet para conversar com membros da família. O organismo das Nações Unidas quer que os meninos e meninas de até cinco anos troquem as telas eletrônicas pelas atividades físicas ou por práticas que não envolvam necessariamente exercícios, mas incluam interações no mundo real, como a leitura e contação de histórias com cuidadores.

“Crianças com menos de cinco que parecem estar correndo e ocupadas o dia inteiro, e certamente cansando seus pais, podem não ser tão ativas quanto pensamos”, afirma Fiona Bull, gerente de programa do Departamento de Prevenção de Doenças Não Transmissíveis da OMS.

As orientações da organização internacional determinam que crianças de um a quatro anos de idade devem estar ativas por pelo menos 180 minutos ao longo do dia. A OMS aconselha que meninos e meninas nessa faixa etária passem três horas em atividades como caminhar, engatinhar, correr, pular, se balançar, escalar, dançar, pedalar, pular corda e outros passatempos.

Dos três aos quatro anos de idade, 60 minutos dessas atividades devem ser “de intensidade moderada a vigorosa”, de acordo com as diretrizes da agência da ONU.

“Comportamentos sedentários, seja usar um transporte motorizado ao invés de andar ou pedalar, sentar em uma mesa da escola, assistir à TV, são cada vez mais prevalentes e associados com resultados ruins de saúde”, ressalta a OMS, que lembra que 5 milhões de pessoas morrem todos os anos no mundo por causas associadas à inatividade.

“O conselho é, quando possível, sair de um tempo passivo de (uso de um dispositivo eletrônico com) tela e sedentário para uma atividade mais física, enquanto ao mesmo tempo protegendo o sono de qualidade”, acrescenta Juana Willumsem, ponto focal da OMS para obesidade infantil e atividades físicas.

As recomendações também indicam que bebês que ainda não andam devem passar pelo menos 30 minutos com a barriga para baixo todos os dias, em vez de ficarem sentados em uma cadeira. A OMS orienta ainda sobre a quantidade a qualidade do sono que meninos e meninas de até cinco anos devem ter por dia.

Confira as recomendações na íntegra, segmentadas por faixa etária:

Bebês (menos de um ano):

- Devem estar fisicamente ativos várias vezes ao dia de várias maneiras, particularmente por meio de brincadeiras interativas no chão. Quanto mais, melhor. Para os que ainda não sabem andar, essas atividades físicas devem incluir pelo menos 30 minutos em posição de bruços, repartidos ao longo do dia, nos momentos em que os bebês estiverem acordados;
- Não devem permanecer sob formas de contenção e restrição do movimento por mais de uma hora seguida — por exemplo, em carrinhos de bebê, cadeiras altas ou nas costas de um cuidador. Não se recomenda que passem tempo diante de telas de dispositivos eletrônicos. Em momentos de inatividade, recomenda-se que um cuidador leia ou conte histórias;
- Devem ter de 14 a 17 horas (no período do nascimento aos três meses de idade) ou de 12 a 16 horas (no período de quatro a 11 meses de idade) de sono de boa qualidade, incluindo cochilos.

Crianças de um a dois anos de idade:

- Devem passar ao menos 180 minutos em uma variedade de atividades físicas em qualquer intensidade, incluindo atividades físicas de intensidade moderada a elevada, distribuídas ao longo do dia. Quanto mais, melhor;
- Não devem ficar restritas por mais de uma hora seguida — por exemplo, em carrinhos de bebê, cadeiras altas ou nas costas de um cuidador — nem permanecer sentadas durante longos períodos de tempo. Para crianças de um ano de idade, não se recomenda nenhum período de tempo em atividades sedentárias em frente a uma tela (assistindo à TV ou vídeos ou em jogos de computador). Para aquelas com dois anos de idade, o tempo

sedentário em frente às telas não deve ser superior a uma hora. Quanto menos, melhor. Em momentos de inatividade, recomenda-se que um cuidador leia ou conte histórias;

- Devem ter de 11 a 14 horas de sono de boa qualidade, incluindo cochilos, com horários regulares para dormir e acordar.

Crianças de três a quatro anos de idade:

- Devem gastar ao menos 180 minutos em vários tipos de atividades físicas em qualquer intensidade. Pelo menos 60 minutos devem envolver atividades de intensidade moderada a elevada, repartidas ao longo do dia. Quanto mais, melhor;
- Não devem ficar contidas por mais de uma hora seguida — por exemplo, em carrinhos de bebê — ou ficar sentadas por longos períodos. O tempo dedicado a atividades sedentárias em frente às telas não deve exceder uma hora. Quanto menos, melhor. Em momentos de inatividade, recomenda-se que um cuidador leia ou conte histórias;
- Devem ter de 10 a 13 horas de sono de boa qualidade, que podem incluir cochilos, com horários regulares para dormir e acordar.

Uso de *smartphones* e dispositivos eletrônicos

Fiona Bull lembrou o aumento de aplicativos que ajudam usuários a entender quanto tempo estão passando conectados em seus aparelhos. Segundo a especialista, ainda há muita incerteza sobre o impacto desses dispositivos na saúde.

“Este é um fato recente e acho que é um sinal de que a indústria digital também está preocupada com a natureza viciante do tempo que está sendo usado nesses aparelhos de diferentes maneiras”, afirmou a especialista da OMS.

“É claro, todos nós usamos para trabalho, usamos em escolas para aprendizagem, estamos usando em casa para educação. Trata-se de gerenciar o uso dessas ferramentas valiosas e dar atenção aos benefícios e aos riscos.”

FONTE: <https://news.un.org/en/story/2019/04/1037201>



Startup suíça usa tecnologia para combater desperdício de comida no setor de serviços

Quando foi a última vez que você abriu a geladeira e teve que jogar algo fora? Para muitos de nós, isso é mais comum do que gostaríamos de admitir.

A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) estima que, todos os anos, um terço dos alimentos produzidos não chegam nem mesmo às mesas do consumidor.

Isso representa um enorme desperdício e ineficácia – questões de destaque no mais recente *Resumo de Políticas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*, uma publicação da ONU Meio Ambiente.

Reduzir o desperdício de alimentos está entre as cinco principais preocupações da transição para estilos de vida mais sustentáveis. Mas ter sucesso nessa área exige ações em todos os níveis.

Como indivíduos, nós podemos combater o desperdício de alimentos cozinhando menos, compartilhando com os vizinhos, comprando alimentos considerados “feios”, fazendo compostagem e conscientizando as nossas comunidades. No entanto, mudanças sistemáticas nas grandes indústrias também são necessárias para enfrentar o problema global do desperdício de alimentos.

“Indivíduos, assim como fornecedores de alimentos, podem reduzir o desperdício ao planejar quais alimentos são necessários, conceber pratos que usem sobras e gerenciar como armazenar alimentos de forma que o frescor seja maximizado”, aponta Garrette Clark, chefe de programa da ONU Meio Ambiente para Estilos de Vida Sustentáveis.

A especialista afirma ainda que problemas sistemáticos mais amplos podem ser combatidos de diferentes formas: empenhar-se na procura por alimentos produzidos de forma sustentável; falar sobre alimentos saudáveis e sustentáveis com vendedores e produtores; evitar embalagens em excesso; ou começar projetos de hortas urbanas, escolares ou em cozinhas. Ao mesmo tempo, também é preciso apoiar organizações e políticas que promovam sistemas alimentares mais sustentáveis.

Naomi MacKenzie, de 26 anos, cofundou uma organização para responder a esses desafios. Sua startup KITRO, sediada na Suíça, oferece uma solução automatizada para a captura de dados e para combater o desperdício de alimentos na chamada indústria da hospitalidade — que reúne os setores de eventos, gastronomia, turismo e hotelaria. Entenda como o seu negócio funciona na entrevista que a empreendedora deu para a ONU Meio Ambiente:

O que é a KITRO e o que inspirou você a começar?

A KITRO surgiu de uma competição universitária e agora opera na Suíça, com planos de expansão para países vizinhos. O dispositivo hardware instalado na cozinha escaneia e analisa alimentos jogados fora. Um software acoplado envia aos usuários um relatório sobre o tipo de alimento desperdiçado e os custos incorridos.

Por que você quis trabalhar especificamente nesta questão ambiental?

Eu e meu cofundador passamos muitas horas trabalhando em cozinhas e em bufês na indústria da hospitalidade. Como funcionários iniciantes das equipes, nós nos víamos jogando fora grandes quantidades de alimentos diariamente. As coisas tendem a acontecer de forma rápida nas cozinhas e manter uma visão geral do que está sendo jogado fora é difícil. Quando começamos a buscar soluções para medir o desperdício de alimentos, descobrimos que as opções existentes eram manuais. Tornou-se claro que, para responder ao desperdício de alimentos, deveríamos descobrir qual comida está sendo jogada fora e quanto de comida está sendo desperdiçada.

Nosso objetivo na KITRO é fornecer uma solução de longo prazo que se torne tão essencial para uma cozinha quanto uma lava-louças ou um fogão e ajudar empresas a monitorarem o desperdício de alimentos ao longo do tempo. Geramos dados através de soluções automatizadas que se incorporam perfeitamente aos cotidianos das cozinhas e serviços.

Qual impacto ambiental positivo você espera ter através do seu produto?

Se você olhar uma geração para trás, os alimentos tinham um valor muito mais alto. Nós pensávamos antes de jogar algo fora. Conforme os alimentos foram ficando mais baratos, perdemos a noção do que significa produzir uma cenoura, por exemplo – dos recursos hídricos que são usados nisso, do trabalho, da embalagem, do transporte. Nosso objetivo é aumentar a conscientização sobre o desperdício de alimentos e mostrar para os consumidores — incluindo as grandes empresas e a indústria — que, embora o desperdício de alimentos seja um grande problema, é possível tomar uma decisão e fazer uma mudança positiva.



Equipe da startup suíça Kitro. À extrema esquerda, sobre a cadeira, Naomi MacKenzie.
Foto: Kitro

Você acha que a indústria da hospitalidade está se tornando mais sustentável?

Com certeza, ela tem mudado para melhor. Muitos grupos hoteleiros agora possuem equipes corporativas de responsabilidade social, estratégias de sustentabilidade e cargos como gerentes de sustentabilidade. Isto é uma tendência crescente e positiva.

Quais foram os principais obstáculos para criar e aperfeiçoar o seu produto?

Nós queríamos construir um produto baseado em tecnologia – mas a gente não sabia nem programar! Este foi um grande obstáculo. Mas como tivemos que refletir e explicar o nosso projeto de forma clara para outras pessoas, o fato de nós mesmos não conseguirmos construir o nosso produto acabou sendo positivo. Em segundo lugar, nós tivemos sorte de receber apoio ao longo do caminho, mas começar uma empresa na Suíça exige muitos recursos financeiros. Nosso primeiro cliente, o restaurante *Holy Cow*, manifestou interesse pelo nosso projeto com base apenas nas nossas ideias colocadas numa folha de papel. A *Unicorn Labs*, uma associação que constrói protótipos para novas ideias, construiu o produto de graça, arcando com os custos materiais em troca de divulgação e reconhecimento da nossa colaboração. Houve muitos agentes que nos ajudaram a superar a turbulência financeira, mas continuou sendo um desafio.

Qual o seu conselho para jovens empreendedores que querem começar uma empresa para ajudar a lutar por um futuro sustentável?

Tudo demora mais do que você espera. Seja para construir um hardware, angariar fundos, contratar pessoas – o inesperado acontece e dura para sempre. Em uma startup, a velocidade e a agilidade são consideradas importantes, mas é sempre melhor ser generoso quando calcular prazos. Considerar um prazo externo para compartilhar e um interno com precauções adicionais. Em segundo lugar, se você precisar de algo, peça ajuda. A pior coisa que pode acontecer é alguém dizer não. Pedir ajuda abriu muitas portas para nós. Como uma equipe muito jovem, nós não tínhamos muita experiência em abrir ou administrar um negócio, mas com apoio nós conseguimos construir uma empresa dinâmica.

FONTE: <https://environmentlive.unep.org/sdgpolicybrief>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>